## **EDITORIAL**

## Debates, análises e proposições

Finalizamos o ano de 2015 com esta edição número 3. Um ano carregado de discussões e proposições a respeito de como podemos viabilizar e qualificar a divulgação científica, especialmente em meio a tantos desencontros, para dizer o mínimo, nos processos de avaliação externa aos quais estamos submetidos. Um ano com tensões e conflitos na área educacional e difíceis escolhas da parte dos programas de pós-graduação. Tempo de intensificação do trabalho docente na universidade.

Aqui na Comunicações, terminamos o vigésimo segundo ano da revista com quatro edições publicadas: duas revistas de fluxo contínuo e dois dossiês temáticos. Neste número, oferecemos um espaço para provocar debates a respeito da educação pautados pelos conceitos da Teoria Crítica. O dossiê organizado pelo professor Bruno Pucci traz artigos de diversos especialistas na esteira de um crescimento significativo de publicações fundamentadas no pensamento da Escola de Frankfurt. Convido o leitor ou a leitora a conhecer e debater os textos desse dossiê a partir dos caminhos que o organizador nos aponta em sua apresentação.

Cinco artigos de fluxo contínuo complementam o espaço para as análises, nesta edição, sobre o fenômeno educativo. Roberto Valdés Puentes e Andréa Maturano Longarezi trazem um estado da arte da produção na área de didática a partir das publicações docentes nos programas de pós-graduação em educação da região sudeste, concentrando seu olhar no período entre 2004 e 2010. A conclusão dos autores a respeito do lugar que a didática (pouco?) ocupa no campo educacional é provocadora para pensarmos as relações entre teorias pedagógicas, prática docente e formação de professores nos cursos de licenciatura.

Raimunda Abou Gebran, Naime Souza Silva e Helena Faria de Barros direcionam nosso olhar para os ingressantes no curso de Pedagogia de uma IES particular em Minas Gerais e sua heterogeneidade de perfil e formação. O artigo das pesquisadoras nos provoca a pensarmos, por meio do mapeamento das representações sociais e expectativas desses estudantes, sobre como recebemos as/os futuras/os pedagogas/os e como poderemos atuar em sua formação.

A segunda língua oficial do Brasil, Libras, e seu ensino é objeto da reflexão de Lara Ferreira dos Santos, Mariana de Lima Isaac Leandro Campos, Cristina Broglia Feitosa de Lacerda e Alexandre Morand Goes. A proposta dos autores passa por entendermos os desafios e as necessidades que envolvem o ensino de libras na modalidade EAD. Fica-nos a questão do lugar que estamos atribuindo à Libras em nossos cursos de licenciatura e o de-

bate sobre os usos que fazemos (e podemos fazer) dos recursos tecnológicos para garantir um ensino de qualidade dessa língua.

Carla Helena Fernandes, Débora Cecílio Fernandes e Susana Gakyia Caliatto destacam o lugar das narrativas orais e escritas que educadores em uma instituição de educação não formal produzem a respeito de sua prática para a promoção da reflexão sobre a inclusão e o espaço de trabalho coletivo. Destaco uma frase que retiro da conclusão das autoras, especialmente pela provocação que ela nos permite propor diante dos modelos de formação docente que estamos vendo nos dias de hoje: "Expor-se, abrir-se ao diálogo, indicando mais dúvidas do que acertos é o desafio do exercício docente e da formação pensada a partir da atuação profissional, do cotidiano".

Por fim, o artigo de Djair Lázaro almeida e Rosimeire Maria Orlando nos oferece um olhar para a evolução das matrículas de alunos com deficiência no período de 2009 a 2012 de um município no interior de São Paulo. Em sua análise, os autores observam uma tendência de crescimento no número de matrículas desses alunos na rede regular, concentradas no ensino fundamental, baixo índice de apoio no contraturno e predominância da deficiência intelectual em relação às demais deficiências.

São estas as proposições e análises que a Comunicações oferece para o debate educacional neste final de 2015. Boa leitura.

Thiago Borges de Aguiar Piracicaba, novembro de 2015.